

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 72 — Domingo, 24 de Outubro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Prove...

CASALINHO

e terá escolhido o seu vinho!

AVENÇA

## ABERTURA DO ANO LECTIVO

COM sessões solenes e outras cerimónias presididas pelos respectivos reitores, directores e professores, foi inaugurado o novo ano lectivo nas Universidades e nas escolas secundárias — liceus e estabelecimentos de ensino comercial e industrial, bem como nas escolas primárias. Iniciou-se assim um novo período escolar, num ambiente festivo e com a distribuição de prémios aos escolares que mais se distinguiram no ano lectivo transacto.

As férias acabaram e, com elas, os dias despreocupados de uma mocidade estudiosa gozou junto de suas famílias, nas praias, nas termas e no campo, retemperando os corpos e preparando espíritos para a nova faina de estudo que agora recomeça. Daqueles saudáveis dias de convívio com o ar livre e o sossego do espírito perdurará, pelo ano adiante, agradáveis recordações, que com certeza serão forte incentivo para um aproveitamento escolar eficiente.

Voltam agora para os alunos as obrigações das lições do saber, a inspiração de se trabalhar para um futuro, que todos desejam facilitado pelas luzes da instrução e da ciência e para isso vale bem o sacrifício de umas horas de estudo diário, no ano lectivo que começa.

Para os que pela vez primeira entram nos edifícios do ensino secundário, os «caloiros», para esses abre-se um mundo de revelações, em contacto com os seus novos companheiros e com os já práticos nas lições escolares.

Saliente-se o facto de mais de 120.000 alunos dos dois sexos, divididos quase em parte iguais pe-

los liceus e escolas comerciais e industriais existentes no nosso País, darem uma ideia exacta do incremento que em Portugal o ensino médio tem recebido, confirmando, ao mesmo tempo, tão avultada cifra as excelentes condições oferecidas pelos amplos e modernos estabelecimentos escolares, realizados pelo Estado Corporativo Português.

No dia 7, abriram também as aulas nas escolas do ensino primário oficial, cuja frequência atinge o número de 800.000 crianças. A acção empreendida para a intensificação do ensino primário tem sido coroada do mais eficiente êxito, mercê da larga visão do já famoso Plano de Educação Po-

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)



Feira de Vila Real de Santo António — Aspecto parcial

## FEIRAS DE PORTUGAL

**EXPRESSIVAS** de movimento e de cor, sempre caracterizadas por um sadio regionalismo de par com a nota comercial que resalta de suas transacções, as feiras são, desde há séculos, uma das notas mais pitorescas da vida portuguesa.

Pode dizer-se que todas as terras de Portugal, desde as cidades às aldeias, têm marcadas no calendário da sua vida comercial e agrícola, as suas feiras, que mantêm em dias certos do mês ou do ano. A quem for dotado de algum senso crítico e gosto de observar o movimento curioso das populações, não lhe faltam, nestes certames, os motivos para bem compreender a alma do povo na diversa variedade dos seus curiosos aspectos.

A feira portuguesa, de par com a nota garrida do vestuário regional, da exuberância de gestos e da toada das falas do po-

**NÃO** há dúvida que estamos a assistir a um decente apetrechamento turístico do País.

Tomámos parte na inauguração do Hotel de Turismo de Abrantes, cidade pequena, com pouco mais de metade da população de Vila Real de Santo António, mas que conta no seu tesouro de valores um grupo de baírristas entusiásticos, à frente dos quais se encontra o nosso velho e querido amigo, sr. dr. Manuel Fernandes, ilustre cirurgião, a

quem se deve, assim como aos seus colaboradores, uma obra de engrandecimento abrantino, que não tem par no nosso País.

Na cerimónia inaugural do hotel — um estabelecimento de categoria internacional, que só o capricho e a devoção dos seus empreendedores localizou em Abrantes, quando devia estar em Nice, Monte Carlo... ou Monte Gordo — o sr. dr. Manuel Fernandes fez a seguinte afirmação que, por nos dizer respeito, queremos arquivar:

«É certo que a Presidência do Conselho, através da lei hoteleira, prevê e autoriza a colaboração directa das Câmaras Municipais»

(CONCLUI NA 2.ª PÁGINA)

## A CONSTRUÇÃO DO CAMINHO DE ACESSO À PRAIA DE SANTO ANTÓNIO

NO salão nobre dos Paços do Concelho e presidido pelo sr. dr. Alonzo Vasques, presidente do Município, realizou-se, na passada terça-feira, dia 19 do corrente, o acto de abertura das propostas ao concurso da empreitada para a obra de construção do caminho de acesso à praia de Santo António, cuja base de licitação era de 252.000\$00. Foram apresentadas 14 propostas, sendo a mais alta de 280.000\$00 e a mais baixa de 259.900\$00. As propostas subiram às instâncias superiores para serem apreciadas.

## ALGUMAS NOTAS

### SOBRE «O VERMELHO E O PRETO» DE STENDHAL

Por N. RODRIGUES PENA

(Conclusão do número anterior)

STENDHAL começa por analisar a vida provinciana, as suas mexeriquices, a mediocridade desse pequeno mundo, a sordidez duma vida que reduz tudo à insignificância. Satura rudemente essa burguesia enriquecida pela Revolução e ser-

ve-se do digno maire da cidade, o senhor Renál, para cobrir de sarcasmo uma classe social que não logra muito as suas simpatias. «Sente-se, em suma, que o talento desse homem se reduz a fazer com que lhe paguem, rigorosamente, o que lhe devem, e a pagar ele próprio, o mais tarde que puder, aquilo que deve.» «Como era, aliás, muito polido, excepto quando se tratava de dinheiro, passava, e com razão, por ser a pessoa mais aristocrática de Verrières.»

Stendhal subordina todos os sentimentos e ideias aos interesses materiais. A mediocridade dessa vida provinciana surge da mesquinha dos interesses. Bem esquecidas estão as grandes estrofes dos idealistas de 89, toda essa fanfarrinha de promessas «a liberdade, a igualdade, a fraternidade» não serviram mais do que umas centenas de privilegiados que souberam acomodar-se condignamente nos postos de comando. Não tardará, mesmo, que os burgueses enriquecidos e aristocratas se deem as mãos, esquecendo todas as dissensões antigas. E Sorel, preceptor dos filhos do senhor Renál, o ambicioso, o homem saído doutra camada social, que, por mero acaso da sorte, penetra num meio superior ao seu — considerando-se como um Napoleão, trata de projectos de conquista. É certo que os processos da sua luta são bem diferentes dos seguidos por esse aventureiro de génio chamado Bonaparte, mas a luta que trava nem por isso exige menos habilidade e inteligência. Na vida mesquinha e sórdida da sociedade, também se

## VISITA MINISTERIAL

### VEM AO ALGARVE O SR. MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

**PODEMOS** dar a agradável notícia de que, no próximo mês, visita a nossa província o sr. eng. Arantes e Oliveira, ilustre ministro das Obras Públicas, o qual vem apreciar alguns melhoramentos que estão em curso e estudar a realização de outros que bastante interessam à comodidade e fomento do Algarve. Entre estes figuram, como se sabe, a doca de pesca de Vila Real de Santo António, o mercado do peixe, cujo projecto foi levantado há anos e a valiosíssima e ambicionada obra de irrigação dos sapais do nosso concelho e do vizinho concelho de Castro Marim, melhoramento que valorizará extraordinariamente a economia agrícola da região e elevará o nível económico de populações que vivem hoje num regime de grande pobreza.

Os algarvios sentem-se radiantes com a próxima visita do sr. eng. Arantes e Oliveira, em cuja alta competência e invulgares dotes de trabalho confiam para

## CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

A PARTIR de 1 de Novembro, próximo, recomeça o funcionamento dos cursos para adultos, pelo que ficam avisados os interessados de que as escolas se encontram abertas para tal efeito.



Eng. Arantes e Oliveira

a solução dos problemas que mais interessam ao progresso, ao bem-estar e ao alindamento desta às vezes tão esquecida província do Algarve.

## Conta = Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

### Diário

*Outonal, cal a tarde. Tão pouco de comum entre mim e esta tarde! Eu, inquietação; ela, serenidade.*

*Eu, toda sonhos de novos, belos dias; ela, desejos de recolher, à noite, ao nada.*

*Meu corpo e minha alma florescidos. As flores que nascem dentro de nós não têm estação. Nascem e morrem continuamente. Coroo-me de flores vermelhas.*

*A tarde vela a face. Aborreço-lhe caminhar. Sustém, no regaço tépido, recordações amáveis de outras eras. Coroa-se de flores mortas.*

*E enquanto labaredas irrompem de meus dedos e correm no meu sangue e queimam minha face e dão força e ímpeto aos meus sonhos, lá fora, debilmente, cinza diluída em luz sobre das profundidades ignotas à superfície das coisas.*

### Verbo CRIAR, verbo humano

*Tão diferentes que estavam os velhos sítios! Tudo muito mais belo, agora. A luz escorrendo humildemente nas folhas do milho; as vinhas trepando a encosta com as telas cheias; não pedregulhos, mas tufo de flores; pinhal bravo retouçando no campo arenoso...*

*Sim, o homem não é apenas um admirador da paisagem. É, mais do que isso, um criador de paisagem.*

### Pedagogia

*Ensinar. Sim, não me engano. Ensinar é outra maneira de nos prolongarmos. A experiência que deve permanecer, ajudar os que ficarem, os que vierem depois. Obrigação social de*

(CONCLUI NA 2.ª PÁGINA)

## D. Francisco Rendeiro Bispo Coadjutor do Algarve

VISITOU a nossa vila, na passada sexta-feira, o senhor bispo coadjutor. Celebrou a Santa Missa e falou à numerosa assembleia cristã, que escutou atentamente a palavra apostólica do venerando Prelado. Pelas 11,30 horas, presidiu a uma reunião com os dirigentes da A. C. local. Antes de retirar, apreciou as obras da nossa igreja paroquial e teve palavras de grande apreço pelo empreendimento em que toda a freguesia está empenhada, de erigir um monumental altar-mor, cujo projecto demoradamente admirou.

## MELHORAMENTO

### FERROVIÁRIO

#### INICIA-SE EM 1 DE NOVEMBRO UM SERVIÇO DE AUTOMOTORAS NO ALGARVE

NO próximo dia 1 de Novembro — e conforme referimos num dos nossos últimos números — as comunicações ferroviárias entre esta vila e Lagos vão ser beneficiadas com um serviço de automotoras, cómodas e rápidas, servindo todas as estações e apeadeiros, e as novas paragens Alvalade, Patá, Vale Judeu, Marchil, Rio Seco, Bias, Fuzeta A e Aroeira. O trajecto de Lagos a esta Vila, ou vice-versa, será efectuado em três horas e meia.

Haverá, diariamente, oito circulações em cada sentido. No sentido barlavento-sotavento, 5 de Lagos a Vila Real de Santo António (com partidas às 6,35, 8,35, 11,35, 17,35 e 19,35); uma de Lagos a Faro (partida às 13,35); outra de Lagos a Tunes (partida às 22,35), e outra de Faro a Vila Real de Santo António (partida às 16,05 horas).

No sentido contrário: 5 de Vila Real de Santo António (com partidas às 7,00, 9,00, 11,00, 16,00 e 18,00); uma de Vila Real de Santo António a Faro (com partida às 13,05); outra de Faro a Lagos e, ainda, outra de Tunes a Lagos (com partida às 5,27 horas).

A C. P. mandou afixar, nas estações, cartazes-horários deste novo serviço de automotoras e a respectiva tabela de preços, que são os mesmos dos tranvias.

Com este novo serviço ferroviário, a nossa província vê satisfeita uma velha aspiração, que vem pôr cobro a um estado de coisas verdadeiramente lamentável e que se arrasta há longos anos, não obstante as constantes reclamações por parte do público e, muito especialmente, por parte da imprensa algarvia.

Aguardamos que este novo serviço se inicie, para lhe dedicarmos mais pormenorizada referência, mas entretanto não queremos deixar de manifestar à C. P. — com o mesmo espírito de justiça com que lhe apontamos as faltas — quanto nos é grato constatar este melhoramento nas comunicações ferroviárias da nossa província.

## A CONQUISTA DO PÃO

### AMBIÇÃO E SORTE

Por MARCOS ALGARVE

**KARL** Marx e Proudhon foram os dois socialistas que maior número de adeptos alcançaram nos meios internacionais. O primeiro era alemão e o

segundo, francês. Ambos gozaram de larga popularidade, mesmo entre as camadas intelectuais. As suas ideias socialistas, postas a correr em linguagem trivial, deram a volta ao Mundo e lançaram nos cérebros, propensos a fantasias igualitárias, a semente da ambição.

Foi precisamente em um período dos mais agitados do nosso país que ouvi o dr. Afonso Costa, no tribunal de Olhão, defender um anarquista. E defendeu-o com a subtileza e a veemência tão peculiares ao seu talento multiforme. Mas o

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)

## CONSELHEIRO

### SOUSA CARVALHO

**REGRESSOU** à sua casa de Lisboa o nosso prezado amigo e assinante, sr. juiz-conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, que nesta vila passou as suas férias.

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Em gozo de licença, esteve alguns dias nesta vila o nosso amigo, sr. José Norberto Pereira Domingues, aluno do Curso de Sargentos Milicianos de Artilharia, em Vendas Novas, filho do nosso prezado amigo e assinante, sr. Norberto Bento Domingues, conceituado industrial, nesta vila.

Regressou de Santa Margarida, onde esteve nas manobras militares, o sr. Francisco Caraca Cipriano, filho do nosso prezado assinante, sr. Manuel Cipriano, conceituado comerciante da nossa praça.

Encontra-se nesta vila, com curta demora, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Fernando Garcia Pego de Vasconcelos, residente em Almada.

Retirou para Lisboa, aonde vai cursar na Escola de Enfermagem Artur Ravara, o nosso prezado assinante, sr. Álvaro Campero Munhoz, que por este meio apresenta as suas despedidas às pessoas amigas.

### Casamentos

No passado dia 9, realizou-se, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Encarnação, desta vila, o enlace matrimonial da sr.<sup>a</sup> D. Maria Luísa Martins Oeiras, filha da sr.<sup>a</sup> D. Laurinda Martins Estêvão, já falecida, e do sr. Manuel do Carmo Oeiras, com o sr. José João Beja Sousa, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Joaquina Beja e do sr. José de Sousa Beixiga.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Almirinda Beja Sousa, e seu irmão, sr. Francisco Estêvão do Carmo Oeiras, e, por parte do noivo, a sr.<sup>a</sup> D. Tomáscia C. Nave e o sr. José Justo Martins.

Finda a cerimónia, foi servido aos numerosos convidados um finíssimo copo de água.

Aos nubentes, desejamos muitas felicidades.

Na igreja matriz desta vila, consorciaram-se, no dia 16 do corrente, a sr.<sup>a</sup> D. Pepa Gomes Filipe, filha da sr.<sup>a</sup> D. Ana Maria Gomes Néné e do sr. Florêncio Gomes Filipe, e o sr. Joaquim Moita Gutierrez, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dores Moita Gutierrez, já falecida, e do sr. Augusto Aguilera Gutierrez.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.<sup>a</sup> D. Julieta Sousa Oliva e o sr. José Marques, e por parte do noivo, a sr.<sup>a</sup> D. Antónia do Carmo Branquinho e o sr. Manuel do Carmo Branquinho.

Ao novo casal, que fixou residência no Barreiro, deseja o «Notícias do Algarve» muitas felicidades.

### Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21  
MATOSINHOS

## CONTA-GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

animal social, está certo. Mas não apenas o ensinamento de coisas. Ensinar sentimentos. Ensinar flores. Ensinar a Paz. Ensinar caminhos radosos. Ensinar a viver.

### Negativo de uma frase em latim

A preocupação que têm certos indivíduos de proclamarem bastas vezes: «Nada de novo existe sob o sol! Tudo já houve, tudo se fez!» Como quem diz: «dixem-se disso! Tudo se experimentou, tudo viveu, tudo faltu, Durmam!»

Pobrezinhos, dignos de muita lástima, escutem: Tudo é novo debaixo do Sol. Cada dia é um dia diferente, um dia como nunca houve. Cada ser é um acontecimento. Em cada hora que passa, nossas mãos desenham gestos novos e os nossos olhos servem-se de luz de que nenhuns outros olhos se serviram. A vida é eterna mas não monótona.

### Canção quase sem palavras

Só?  
Ilusão.  
Nenhuma brasa a arder se encontra só.  
Há sempre mãos geladas que para ela se voltam.

### Recusa aligeiras nos fatos

Aligeiras para guardar as mãos, o casaco dos homens, os vestidos de senhora, fato com aligeiras, vestidos com aligeiras, aligeiras nos sobretudo, nos livros, nos escritórios, no lar, no ar que respiramos, aligeiras, aligeiras, aligeiras,

# TRIBUNA DOS NOVOS A IDA PARA AS TERMAS

Só quando o Outono começou a ficar crescido é que o pobre Felisberto conseguiu as suas férias. E' certo que ainda havia uns restos de calor, mas as folhas começavam a amarelecer e a tombar, românticamente. A noiteinha, uma humidade desagradável e um ventinho fresco punham largas reminiscências no «programa» previamente estabelecido pelo casal Felisberto, um programa onde havia repouso, bons ares, entre pinheirais, e águas minerais — só para a Felisberta, porque o marido, mesmo em férias, estava resolvido a não interromper a sua habitual «cura» de sumo... de uva.

Na véspera da partida, houve conselho de família em redor do aparelho de telefonia. Depois de terem escutado, paciente e resignadamente, o 78.º episódio da adaptação radiofónica chatíssima do «Quo Vadis?» (de que não perceberam patavina) e um «serão» musical para soldados, em que as patadas da assistência abafavam uma vozinha escanifrada que berrava o «Vai ô linda...», chegou, finalmente, o boletim meteorológico. Talvez por influência dos calos do meteorologista, o locutor anunciou bom tempo e subida de temperatura — o que lançou sangue novo no arraial felisbértico, fazendo-o encaras as férias com o mais cor de rosa dos optimismos.

A Felisberta e a filha, que já haviam «denpenado» as economias domésticas com a compra das «roupas» para exibição nas termas, não resistiram à tentação de roer com inveja as amigas que se limitavam a veranear na Feira Popular, e aproveitaram a manhã para fazer algumas visitas de despedida.

Depois do almoço, começou a debandada. A confusão de malas e embrulhos foi enorme. O taxi que os levou à estação parecia a arrecadação de objectos perdidos de qualquer esquadra de polícia. Mas, onde a coisa «aqueceu» a sério foi na «gare». Havia gente a montes. A confusão alastrava como pingo de azeite em papel. Da multidão que se espremia de encontro à entrada do comboio, só tinham conseguido «filtrar-se» umas vinte pessoas. Uma senhora gorda, muito afogueada, brandindo o cabo de uma sombrinha, gritava que havia patifes que se aproveitavam das ocasiões. Uma morena, muito espalmada contra um tipo alto e esquelético, com ar de marçano, deitava-lhe olhares ramosos — e deixava-se ficar no aperto. A meio da porta, impedindo a passagem, uma velhota «só pretendia» passar alguns embrulhos. Já ia no quinto, quando soou um apito. A multidão enfiou para a carruagem, de roldão. A velha catu, semeando embrulhos. Uma voz gritava: Oh Chico! Oh Chico! O chefe da estação apitava sem saber porque, enquanto algumas almas caridosas, com alto sentido de oportunidade, «aliviavam» o próximo das carteiras e outros valores.

Quando o Felisberto, com algumas equimoses, em consequência da refrega, empilhou na rede o último volume, já o comboio seguia, linha fora, resfolegando, aos solavancos do costume. A Felisberta fazia esforços para recuperar a forma primitiva do chapéu, enquanto os filhos se divertiam com a confusão que ainda reinava no corredor, onde malas e passageiros pareciam uma saladá bem mexida.

— Os bilhetes, fazem favor!  
Uma senhora, a tal velhota atropelada, ainda combatida, deu o bilhete. O revisor preparava-se para furá-lo quando um miúdo (o Chico, que já tinha cuspidu nas calças do Felisberto) tropeçou no revisor e o resultado foi que este, em vez de furar o bilhete, furou um dedo. Com o berro do revisor, a velhota desmaiou, pois ia a ler um livro policial, em que o assassino morria atropelado por um comboio. Uma senhora, ao lado, benzeu-se, acomodou a cinta, e suspirou: — Ai! isto não são coisas para depois do almoço!

Passado o pânico e zurdido o Chiquinho com duas rijas palmadas no local próprio, tudo se «acomodou» de novo, enquanto o comboio, com as melhores carruagens do mundo, lá seguia aos solavancos, pela melhor linha do mundo!

ali, meu amigo, minha amiga, não recolhas as mãos nas aligeiras, trá-las ao ar livre, ao Sol, pássaros que nasceram para voar, desbravadoras de florestas e de medos, estende-as, aperta as outras mãos, deixa-as sacudir, trabalhar, viver, deixá-las que cumpram o seu destino de criadoras e solidárias.

### Em verdade vos digo

Uma cousa, apenas, pode vencer a tetmosia na maldade. E' a tetmosia na bondade.

Maria Manuela Nunes

Quando chegaram às Termas, a noite ia alta. Ouvia-se o coaxar das rãs, a distância, e uma brisa fresca agitava levemente o vasto pinheiral. Hospedaram-se no Hotel das Trutas, pomposo nome de uma casarão desconfortável e que cheirava demasiado a propaganda, pois, num raio de cem quilómetros, ninguém tinha visto trutas, a não ser as enlatadas.

A fome arrastou a família Felisberto para a sala de jantar, com o mesmo ímpeto com que atrai, pela calada da noite, as raposas para as capoeiras. A casa de jantar, acanhada e pintada de roxo desmaiado, tinha uma iluminação tão anémica, que até parecia fornecida pela Aliança Eléctrica do Sul. Das paredes pendiam várias oleogravuras encardidas. Ao fundo, por baixo de um relógio de cuco, numa moldura pincelada a purpúria, o «proprietário» exibiu uma expressão alvar de retrato de feira, ostentando, sobre o rotundo ventre, uma grossa corrente de ouro com um berloque, um sapatinho (discreta reminiscência da sua antiga profissão de sapateiro). A única janela — «com lindas vistas», como informo, solícita, a Emília, uma tripeira desembaraçada, que servia à mesa — tinha reposteiros de marquise, decorado pelas moscas com «desenhos» caprichosos.

O jantar foi «regional», incluindo, à sobremesa, o indispensável bicarbonato. Os únicos incidentes, durante a refeição, foram os olhares arremelgados que a Lolinha atirou descaradamente a um pelintra estiloso cinéfilo que, na mesa do lado, palitava consoladamente dois dentes podres, enquanto o Zézinho, depois de meter na sopa carpetas do nariz, deitou 3 ou 4 vezes a língua de fora, a uma senhora de óculos, com aspecto didáctico e... fora de uso.

Quando chegaram ao quarto, os Felisbertos iam extenuados pelas andanças do dia. O Felisberto, depois de espalhar pelo soalho o conteúdo de duas malas, conseguiu descobrir as calças do pijama e a escova de dentes, metida nas pantufas de quarto. Enfiou-se nos lençóis e, antes de adormecer, succumbido ao peso das emoções e dos cansaços, ainda reparou num percevejo, defunto de vários dias, já ressequido, que descansava in pace na orla do travesseiro.

Adormeceu e sonhou. Sonhou que andava pelo céu a passear, ele e a Felisberta, quando apareceu o S. Pedro.

— Bons dias. Então, já passeando?

— E' verdade, sr. S. Pedro. Como estamos em férias, resolvemos dar umas voltinhas cá por fora.

— Toma cautela, Felisberto. Olha que andam por aí diabos à solta, que podem fazer-te alguma partida.

— Não faz mal, sr. S. Pedro. E o Felisberto, eufórico e forte, forte como um Tarzan, lá foi, pelos céus fóra, com a companheira, aos saltos, satisfazendo a sua ansia de liberdade, esquecido das mangas de alpaca e do relógio do ponto, vagando no espaço, sobre montes de névens brancas e rosadas.

Súbito, surgido do nada, disparou direito a eles um carro puxado por quatro cavalos negros, guiados por um diabo todo negro, de corninhos retorcidos e sorriso mau, numa expressão diabólica, onde o Felisberto julgou reconhecer a expressão diabólica do seu chefe de repartição. E ainda o Felisberto escancarava a boca de espanto, já a Felisberta tinha sido arrebatada pelo diabo todo negro — e desaparecia entre poeira de estrelas.

Felisberto angustiou-se com a ideia de perder a Felisberta. E agiu rapidamente. Chamou um táxi que passava na ocasião, lançando-se numa perseguição feroz. Em breve, os 4 cavalos do motor alcançaram os 4 cavalos do veículo diabólico. Felisberto, imitando o herói de uma fita americana, que muito o tinha entusiasmado (o bilhete fora-lhe oferecido), lançou-se, sem hesitações, sobre os cavalos, agarrando-se às rédeas com quanta força tinha. E puxou, puxou com ganas, puxou desesperadamente, para salvar a sua Felisberta, quando — zás! — uma tremenda bofetada o arrancou ao acidentado sonho!

— Bruto! Estúpido! A puxar-me os cabelos com essa força! Lá se vão os 80 escudos da permanente! — lastimava-se, a seu lado, a Felisberta, desgredada e lacrimante. Felisberto, ainda ofegante do esforço para dominar os cavalos, ficou a cogitar no velho prolóquio: Por bem fazer...

Através dos vidros enebados da janela antiga, de guilhotina, a lua semeava quadrados leitosos no tapete coçado e recoberto de nódoas do quarto. Ao longe, o vento assoviava, na rama dos pinheirais, uma triste canção de outono, entrecortada, de vez em quando, pelo coaxar das rãs, indiferentes aos diabos que povoavam os sonhos do Felisberto!

A. de Mendonça

## Para si, minha senhora SINFONIA DE OUTONO

DIZEM-NOS, de Paris, ser a moda actual cheia de melodia, onde os «pianíssimos» — constituídos pelos rosa pálido, azul celeste e branco neve — alternam com os «fortes» dos modernos azuis e vermelhos; moda onde os «allegretos» de cor de laranja se admiram, ao lado dos «smorzando» dos malvas e dos «peitos de rola».

Esta é a primeira tentativa para «romantizar» — comparando-a à música — uma moda que, no fundo, nada tem de romântica e que desejaríamos não usar. Há mesmo a impressão de que alguns costureiros lutam ainda para não a seguirem. E' o caso, por exemplo, de Mangum com uns «tailleurs» iguazinhos — na linha, é claro — aos da estação passada; de Nina Ricci com os seus vestidos de noite fartamente rodados e com a cinta no lugar que a natureza lhe destinou.

Não há dúvida, porém, que a nova moda tem realmente algumas coisas encantadoras, e delas destacamos:

As pequenas e interessantes capas dos casacos de Fath.

Os «tailleurs» de Nina Ricci, onde a gola, no estilo «marinheira», consegue dar um prolongamento da linha dos ombros bastante elegantes.

Os lindos casacos Lauvin-Castillo, levemente cintados, abotoados à frente, de alto a baixo, no estilo «enfermeira». Estes modelos são guarnecidos com uma estreita tira de caracul, que orla a gola redonda à «menina», vem depois pela frente, junto aos botões e guarnece em seguida toda a bainha inferior do casaco.

As golinhas «claudine», de arminho branco, subidas e apertadas com um laço de fita de veludo, com que Mangum termina os seus casacos cintados. Há ainda muitos outros pormenores interessantes da nova moda; mas também os há bastantes feios como são, por exemplo, as coifas de veludo em que se encerra, principalmente à noite, o grande carrapito. São feitas de veludo e, por vezes, bordadas com pérolas, mas

alongam o tamanho da cabeça dando uma linha pouco bonita. E os casacos de alguns «tailleurs» no estilo «sweter», bastante largos, sem linha e, francamente, sem elegância. Outras notas de pouco gosto são dadas pelo afinete de peito, cheio de pedraria, usado no lado esquerdo da aba do casaco de «tailleur» e, finalmente, pelo uso e abuso que se está fazendo da jóia de fantasia. São brincos enormes, são alfinetes de peito das mais variadas cores, são colares, são pulseiras, tudo isto em grande tamanho e profusão.

Este abuso da jóia de fantasia torna a «sinfonia de outono», não uma sucessão de sons harmónicos e doces, como os tons suaves das folhas mortas da estação, mas uma peça musical gritante e cheia de asperzas. Tal como acontece com certos trechos, que (à força de os ouvirmos) acabamos por achar bonitos, esta Sinfonia de Outono, agora um pouco áspera e desagradável para os olhos, talvez consiga vencer e ser para nós (depois de nos habituarmos a vê-la) a mais bela sinfonia dos últimos anos da era da Moda.

Noémia Gil Faria

## SERVIÇO MUNICIPALIZADO de águas e luz

APÓS concurso, foi adjudicado à firma Soc. Zickermann, Lda., de Lisboa, o fornecimento de 500 contadores para água, destinados aos consumidores da rede local de distribuição de águas.

Brevemente, serão instalados nas ligações respectivas, o que virá regularizar mais um pouco o consumo da preciosa linfa, nesta vila.

**EXCELSIOR**

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



**TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL**

Depositário nesta Vila:  
**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República  
— Telefone 12 —

## Falecimento

Maria Isabel do Carmo Ricardo  
Faleceu, em Lisboa, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel do Carmo Ricardo, de 53 anos, professora oficial, natural desta vila. A extinta era casada com o sr. Manuel Ildefonso Júnior, proprietário, e irmã do sr. Fabiano do Carmo Rafael e das sr.<sup>as</sup> D. Antónia do Carmo Rafael, professora nesta vila, D. Isabel do Carmo Rafael de Brito e D. Mariana do Carmo Rafael. A família enlutada, expressamos as nossas condolências.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

## CARTA INTIMA

(INÉDITO)

Escrevo-te esta carta sem destino, Minha irmã, minha filha ou minha neta, E' a carta saudosa dum poeta, Que nem eu sei ainda se a assino.

Basta lembrar-me que não sou menino E vivo a solidão dum bom asceta. O tempo corre até chegar a meta: Dourada umbela deste Céu divino!

Hei-de pedir à minha Mãe licença Para eu ficar ali, como em criança, Deitado no concheiro dos seus braços...

O torvo Mundo já me prende pouco, Embora esta visão seja de louco, Ando esmagado ao peso dos cansaços!

MARCOS ALGARVE

## AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 15 a 21 de Outubro:

### TRAINEIRAS

Tufão	75.315\$00
Raulito	67.429\$00
Agadão	66.405\$00
Liberta	63.730\$00
Flor do Guadiana	63.095\$00
Flor do Sul	59.370\$00
Sam Domingos	57.005\$00
Maria Rosa	54.685\$00
Infante	48.470\$00
Carmela	45.885\$00
Janita	37.405\$00
Tôluz	29.350\$00
Bátinha	25.100\$00
Briosa	24.750\$00
Pérola do Guadiana	22.090\$00
Novo S. José	17.185\$00
Noroeste	7.550\$00
Deolinda Rita	6.875\$00
Restauração	3.390\$00
Persistente	2.400\$00
Total	777.484\$00

### CERCOS

Amazona	32.365\$00
Novo Machado	3.166\$00
Futuro de Olhão	550\$00
Rio Tavora	310\$00
Total	36.391\$00

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António de 15 a 21 de Outubro:

### Entrados:

SONECK, Alemão, de 1299 ton., de Aiamonte, com pirites em trânsito.

PILARELLA, Italiano, de 1345 ton., com carga em trânsito.

### Saidos:

ZÉ MANEL, Português, com minério, para Lisboa.

SONECK, Alemão, com cortiça e conservas, para Hamburgo.

PILARELLA, Italiano, com conservas, para Génova.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 23 a 29 de Outubro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda-Telefone 64.

### Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21  
MATOSINHOS

### V. Ex.ª precisa de

### MÓVEIS

modernos, pintados ou polidos!

CONSULTE A

### Casa PATROCÍNIO

que lhe proporcionará o mais perfeito trabalho.

### Agência Funerária

R. Cons. Frederico Ramirez, 42-44

Vila Real de Santo António

## VENDE-SE

Todos os utensílios da Fábrica de Trituração de Rações, em estado de novos, que constam de Motor, Triturador, marca «Tramagal», e Bidons, dois de condução e um depósito com torneira, várias chaves e correias. Quem pretender dirija-se a Domingos António Afonso, Marim-Alcootim.

### NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

PREPARE A

### TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

Telefone 59 Apartado 3

Vila Real de Santo António

Está triste?

A vida corre-lhe mal!

EXEMA

### «CARA ALEGRE»

Revista de BOM HUMOR

PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS

Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

# APONTAMENTOS CIDADINOS

II

**JUNTO** ao rio, mãos dadas com o Cais do Sodré, fica a Ribeira Nova, centro de vendas, por junto, de fruta e de peixe. No primeiro mercado, existe uma profusão de sordenada, que brinca em jogos de cores: aliciam-nos, os saborosos frutos. E são das mais variadas espécies, cerejas, ginjas, ameixas, alperces, figos, nêspers, morangos, etc.. Alternam as tonalidades róseas, com as verdes, as sanguíneas são sóis envoltos em chamas no poente, as amarelas lembram oiros velhos, acelinados. Um prodígio para os olhos e uma tentação para o paladar. Num dos topos da praça, expõem se pimentos, tomates, feijão verde e limões.

Carregam-se camionetas, que hão-de ir espalhar este tesouro, por toda a cidade e arredores. Faz-nos bem esta visão, retempera-nos antecipadamente os nervos, para que enérgicos possamos viver esse espectáculo que se realiza no recinto ao lado, semi-bárbaro e pagão, de ânimos exaltados e intenso charivari.

Mesmo à entrada, assistimos ao esbofeteio de um rapaz, por uma varina de desenvolvidas formas. Ele não se queixa nem defende, rumina possivelmente uma denúncia vingativa, quando a encontrar na cidade, vendendo em zonas não permitidas; ao lado, o polícia, observa impassível. Moços arrastam caixas com um comprido ferro. E' preciso afastarmo-nos cautelosamente, que eles passam ligeiros e não existem delicadezas expressas. Passam varinas, rápidas, com caixotes de peixe à cabeça. Inacreditável, o seu sacrificio! E' um prodigioso equilíbrio e não menor força que as mantêm nessa corrida trabalhosa de que é fulcro todas as manhãs este centro mercantil. E ainda há quem diga que as varinas perderem muito da sua beleza ao desligarem-se de determinados adornos convencionais. Engano! Como se a força que as anima não fosse a mesma, e a falta desses trapos pudesse destruir vez alguma o heroísmo das suas vidas. Chamam-lhes por isso «vendedoras de peixe». Não é assim! Elas são bem varinas de alma e coração, pelo seu sacrificio e valeroso esforço. E é vê-las ajouçadas por enormes pesos, pernas arqueadas, correndo sempre. Chaille sobre os ombros, formando bico nas costas, lenço ao pescoço, soquetes de lã, tamancas pretas ou da «moda» semi-calçando o pé. As mais velhas e castigadas pelas agruras têm as veias das pernas em relevo, parecendo que vão rebentar a todo o momento.

E' elegante a varina! As gijas e pesadas cargas sobre o crâne dão-lhe esse donaire rítmico e escultural. Outras caixas vão para as camionetas, em frágeis padiolas, que dois homens transportam com os músculos retados. Num palanque, à roda, com degraus que permitem a fácil observação, arrematam as varinas o peixe, comprado já em segunda mão, pois que a lola efectua-se nas traineiras e buques que acostam ao barco que lhes serve de molhe. No ar andam gritos estridentes, pregões, regateios, obscenidades. Quadro estranho este, com encontrões, apertos, atropelos, injúrias, dum colorido sensual, mais parecendo cena mitológica, que vida dos nossos dias. Lado a lado, em caixas de cerca de um decímetro de altura, alinham-se chocos, peixes-espada, linguados, trameigas, polvos, etc..

Um homem, de mangas arregaçadas, enche caixas, com enguias, tiradas de uma enorme celha. Soerguido e mal abrigado, um pequerrucho, de menos de um ano, introduz o polegar direito na boca, enquanto na outra mão sustém um naco de pão sujo. Na rua, mesmo junto ao rio, alinham-se dezenas de alcófas de camarão, apanhado pelos pequenos barcos que, de manhã e à noite, enxameiam o rio. Mas as figuras, que tudo sobrelevam e dominam, são essas mulheres de temperamento extraordinário, que irradiam por toda a cidade e levam o peixe a casa da freguesia. E algumas, quando já na venda, nos bairros, parecem rir, em seus pregões cantantes e bem timbrados, satisfeitas da sua vida árdua e valorosa.

Carlos Machado



## DESPORTO

### FUTEBOL

#### Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

#### OLHANENSE, 3 — PORTALEGRENSE, 3

O Estádio Padinha encontrava-se com boa assistência, neste jogo entre algarvios e alentejanos, que foi arbitrado pelo eborense, João Pimentel.

Quem havia de dizer que o «lanterna vermelha» viria a Olhão arrancar um precioso ponto aos olhanenses que estão a fazer uma excelente prova? Ninguém. Pois, é verdade, eles conseguiram um empate e arrancaram-no com toda a justiça, diga-se desde já.

Os olhanenses devem ter encarado a partida de domingo contra o Portalegrense, com confiança excessiva. Convenceram-se de que o adversário, cuja carreira até aqui nada tinha de notável, seria presa fácil.

A obtenção de três golos, em 15 minutos do primeiro tempo, mais deverá ter contribuído para que no espírito dos seus jogadores se arreigasse o convencimento da vitória fácil.

Porém, os visitantes, numa demonstração de vontade, brio, entusiasmo, apego à luta e amor clubista, conseguiram, com surpresa, marcar no segundo tempo três golos, todos eles em centros e por alto e que lhes ditaram o empate—empate com justiça.

Diga-se, também, que o Olhanense, desde os quinze minutos iniciais ficou privado do seu melhor elemento, o argentino Del Duca, que teve que passar para extremo direito, apenas para fazer número. Mas mesmo assim, não é caso para que o clube algarvio consiga, no seu próprio terreno, junto do seu público, um empate com os últimos da classificação.

Nos últimos minutos e quando o resultado estava já em 3-3, pois o último golo dos visitantes foi marcado aos 44 minutos finais, Severiano saiu do terreno magado, entrando para o seu lugar o guardião suplente.

Estreou-se na turma algarvia o tão falado guardião do Arroios, Abade, um excelente guarda-redes, mas que teve a culpa de dois dos três tentos sofridos pelos olhanenses. O jogo foi um espelho de correcção e é por isso que dizemos: empate merecido.

Não vimos, dentro da equipa do Portalegrense, elementos que se distinguem, uns dos outros. Mas todos se comportaram muito bem.

Houve dentro da equipa duas facetas distintas: entendimento e velocidade, imprimida por todos os jogadores dos visitantes. Severiano jogou bem e teve algumas paradas que merecem boa classificação. A defesa, toda ela se portou bem. Os médios foram os melhores, pois jogaram os 80 minutos sem desfalecimento. Nos avançados, muito jogo, mas poucos remates à baliza. Foram, na verdade, felizes nos golos, pois se não fora a tarde infeliz de Abade, não marcariam sequer o ponto de honra.

No Olhanense, Tavares foi a grande figura da defesa, seguindo-

se o jovem Poeira. Nos avançados, Rangel e Simões foram os mais produtivos.

A arbitragem teve alguns deslizamentos, mas não influiu no resultado.

#### Coruchense, 0-Farense, 0

Mais um precioso resultado dos algarvios de Faro. Desta vez, arrancaram, em Coruche, um ponto que lhes dará confiança para o jogo de hoje, a disputar em Faro com o Montijo, actual «leader» da classificação. Podemos dizer que o Farense está jogando melhor fora, do que propriamente em casa. Todos jogaram com alma e apego à luta, distinguindo-se Vinuesa e Balela, que fez o primeiro golo desta época. Nós, como desportistas e algarvios, regozijamo-nos ardentemente com este empate do Farense.

#### O argentino Santiago, joga hoje em Montemor?

Chegou, no passado dia 19, à vila cubista, juntamente com sua esposa, vindos da Argentina, o categorizado futebolista Félix Santiago, que apresentou cumprimentos ao nosso redactor desportivo.

Herculano Valente

#### FOGÃO A LENHA

Vende-se um fogão a lenha, em bom estado, marca «Oliva».

Trata: Luis Félix da Silva — Vila Real de Santo António.

#### VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

Qual a coisa, qual é ela, que honra a indústria portuguesa por não ser cara e ser bela? uma Camisa «VIRESA»!!!



Confecções Viresa, L. da  
FÁBRICA DE CAMISAS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

#### Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21  
MATOSINHOS

## RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS

A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

### RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## BIDONS

Com carris de rolagem, dois tampões, com garantia de vedação e resistência

PARA TODAS AS CAPACIDADES

Leopoldo Gualter Gomes Júnior

Rua do Benfornoso, 157 — LISBOA

# SECCÃO DE CINEMA

POR VITORIANO ROSA

## O CASO DO CINE-CLUBE OLHANENSE

A «HISTÓRIA» do Cine-Clube Olhanense data de 1948, ano em que os seus organizadores estabeleceram contacto com Manuel de Azevedo, delegado da Federação Internacional dos Cine-Clubes, e com o crítico Roberto Nobre, procurando, desde logo, junto das firmas distribuidoras, alugar filmes apropriados para sessões cine-clubísticas.

No livro editado pela Seara Nova — *O Movimento dos Cine-Clubes* — Manuel de Azevedo refere o seu conhecimento da existência do Cine-Clube Olhanense, mas, na realidade, o Cine-Clube de Olhão não passava ainda de um projecto, acentuado por um grupo de jovens entusiastas, que limitava a sua actividade, porém, a uma regular correspondência com o Cine-Clube do Porto, divulgando os programas deste clube e promovendo a venda dos livros da colecção «Projeção» e a publicação de duas secções de cinema, nos semanários «Voz do Sul» e «Algarves», orientadas, respectivamente, por Vitoriano Rosa e Manuel Pinto, que durante muitos anos foi Conservador do Registo Civil de Faro.

Em 13 de Março de 1950, a Comissão Organizadora do Cine-Clube Olhanense empreendia a sua primeira tentativa de legalização, solicitando ao sr. Governador Civil do Distrito «autorização para realizar uma Assembleia Geral, para redacção e aprovação dos Estatutos». O requerimento era subscrito por vinte assinaturas, mas não foi deferido, esclarecendo o sr. Governador Civil que «só as reuniões de mais de vinte pessoas» necessitavam de autorização oficial.

Realizada a Assembleia Geral, os estatutos foram redigidos e aprovados, ocupando 6 folhas de papel selado. Até então, apenas um cine-clube existia no País regendo-se por estatutos legalmente aprovados. A falta de uma legislação apropriada dificultava a criação de novos cine-clubes, embaraçados ante a pergunta: «a quem entregar os nossos estatutos». Surgiu depois outro cine-clube: o ABC, de Lisboa, cuja aprovação, publicada no «Diário do Governo» pertencia ao sr. ministro da Educação Nacional. Tempos depois, o Cine-Clube de Rio Maior obtinha também a aprovação dos seus estatutos, no mesmo Ministério, ou melhor, na Inspeção Superior do Ensino Particular, que ali funciona. Dois cine-clubes aprovados por esta Repartição e um outro — o do Porto — aprovado pelo sr. Governador Civil do Porto — eis o balanço, ainda hoje inalterável, que se oferecia, em 1953, aos que examinavam o panorama dos cine-clubes em Portugal.

Se bem que os seus estatutos estivessem em ponto-morto, a Comissão Organizadora, de informação e informação, procurava saber qual a entidade encarregada de proceder à recepção dos estatutos dos cine-clubes, uma vez que eles encerravam matéria nova, ignorada pela legislação em vigor sobre sociedades de recreio. No princípio de 1954, a C. O. do Cine-Clube Olhanense sabia, (finalmente!), que a Inspeção Superior do Ensino Particular estava oficialmente incumbida da legislação dos cine-clubes. Pouco tempo depois, em 14 de Março deste ano, os estatutos do cine-clube olhanense, que encerravam esforços e canseiras desde 1948, lutando contra a falta de pro-

tecção e os entraves derivados da ausência de uma legislação própria, eram entregues em Lisboa, na referida Repartição, apresentando como sócios-fundadores os srs.: Doutores Francisco Fernandes Lopes, Francisco Fernandes Lopes Júnior, J. B. Mata-Artur, J. B. Morgado Reis, a Doutora D. Maria Fernanda da Cruz Pontes, o estudante Armando Lopes, Luciano Cativo, Nuno Guerreiro Cabeçadas, Humberto Bento, Manuel Lisboa de Sousa, Vitoriano Rosa, João Colucas, Renato d'Almeida, Augusto Calé, José Martins, Manuel Farracha, Jaime Silva, António Henrique Cabrita, António Ventura e Dimas Pereira.

Decorreram quase 8 meses, e ainda hoje os estatutos não receberam a aprovação requerida, o mesmo sucedendo com os estatutos dos Cine-Clubes de Estremoz, de Santarém e Castelo Branco e Cine-Clube Universitário. Quer dizer: apesar de haver hoje uma repartição oficial encarregada da legislação dos cine-clubes, sobre estes pesam ainda mais dificuldades, que, burocráticas ou não, trazem consigo a atrofia de um movimento cultural que tão profundos benefícios poderia prestar à causa da elevação do nível cultural do nosso país.

O Cine-Clube Olhanense é um caso demonstrativo destas dificuldades. Num momento em que as actividades culturais da nossa província estão paralizadas quase por completo, a sua existência é-nos bem necessária e pode vir a constituir para o Algarve um justo motivo de orgulho.

## OS CARLOS

O primeiro grupo onomástico FUNDADO EM PORTUGAL vai comemorar o XXIV aniversário da sua fundação

No próximo dia 4 de Novembro, «Os Carlos», o primeiro grupo onomástico que se constituiu em Portugal, completa vinte e quatro anos de existência. A data e o facto vão ser, como vem acontecendo há muitos anos, comemorados com diversos actos. Eis o programa das comemorações do XXIV aniversário de «Os Carlos»:

No dia 1 de Novembro (2.ª feira), às 10 horas, romagem ao cemitério do Alto de S. João, onde repousam os restos mortais dos sócios fundadores do grupo: Carlos Mega e Carlos Moura da Silva e o primeiro presidente da «Casa dos Carlos», Carlos Oliveira; às 15 horas, inauguração da Exposição de Enxovais oferecidos pelas famílias dos sócios e outras pessoas amigas, e que serão oferecidos, juntamente com berços, aos homónimos recém-nascidos no dia de S. Carlos, patrono do grupo.

Dia 2, às 15 horas, visita dos directores aos hospitais, para distribuição de tabaco aos homónimos ali internados; continuação, até às 23 horas, da exposição de enxovais; às 21,30, sessão cultural de cinema, na sede do grupo, com filmes cedidos gentilmente por The British Council.

Dia 3, às 10 horas, visita dos directores às prisões civis e distribuição de tabaco, géneros e dinheiro aos Carlos ali encarcerados por qualquer delito; às 15 horas, distribuição de um bode aos protegidos do grupo, na sua sede social, Praça da Alegria, 58.

Dia 4, às 9 horas, missa de sufrágio pelos Carlos falecidos, no altar de S. Carlos, na igreja de Santa Maria Madalena (à Sé); às 20 horas, jantar de confraternização dos sócios e suas famílias. Após o banquete, serão distribuídos os prémios aos concorrentes da Primeira Exposição de fotografias, realizada na sede do grupo, em 4 de Junho, sendo também entregues as Menções Honoríficas, assinadas pelo presidente de Honra dos Carlos, sr. almirante Carlos Viegas Gago Coutinho.

Dia 7, às 11 horas, distribuição de enxovais e berços aos Carlos nascidos no dia 4, nas Maternidades ou fora destas.

Recebemos, deste Grupo Onomástico, a importância de 20\$00, para distribuímos pelos nossos pobres, no dia 4 de Novembro. Em nome dos beneficiados, apresentamos ao simpático grupo os nossos agradecimentos.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

## CINE-FOZ

Apresenta, hoje, o maior êxito de gargalhada do cinema português — *O Costa d'África*, com um elenco de artistas do nosso teatro! Vasco Santana, Laura Alves, Ribeirinho, Erico Braga, Teresa Gomes, Costinha, Hirtense Luz, Ana Paula e Aida Baptista, reunidos num filme que vai ficar na história do bom humor. (Espectáculo para maiores de 18 anos).

Terça feira, 26, um filme de aventuras, em série, *Congo Bill*, com Dan Mc Guire e Jack Ingran. As mais terríveis aventuras nas selvas de África. Um filme intrigante, espectacular e emocionante. (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Quinta feira, 28, grandioso programa duplo. *A Vitória de Robin dos Bosques*, com John Derek e Diana Lynn. Um filme de capa e espada, numa imortal história de uma luta de morte. Shirley Temple e David Niven, na deliciosa comédia, *Consequências dum beijo*. Em seus lábios, ostentava uma tentação... no seu coração, um segredo de mulher. (Espectáculo para maiores de 18 anos).

*Holland-America Line*

AGENTES GERAIS  
CARLOS GOMES & C.ª L.ª  
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA  
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

## “ANDYK”

carrega em LISBOA em 27 de OUTUBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DONGEDYK» — 27 de Outubro

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21  
MATOSINHOS

---

Confecções Viresa, L. da

FÁBRICA DE CAMISAS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

---

## RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS

A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

### RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

---

## BIDONS

Com carris de rolagem, dois tampões, com garantia de vedação e resistência

PARA TODAS AS CAPACIDADES

Leopoldo Gualter Gomes Júnior

Rua do Benfornoso, 157 — LISBOA

## BREVES NOTAS

### SOBRE "O VERMELHO E O PRETO"

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

crianças acariciam-me como acariciaram o cãozinho de caça que ontem lhes compraram.» Sorel nunca perde de vista a casta social a que pertence. Será sempre o inferior, o homem que pertence a um grupo social diferente, o que está sempre em guerra com os outros, pois considera-os, justamente, como inimigos. Mais tarde, o Marquês De la Mole, formulará idêntico pensamento acerca dele: *Há quem ganhe estíma por um bonito cão—por que motivo não hei-de eu apreciar este antigo seminarista?* Sorel terá sempre presente a sua condição social. Nem quando os acontecimentos se combinam para realizar esse ambicionado nivelamento social, Sorel esquece a origem do seu nascimento; nem quando os momentos de arrebato com a sr.ª De Renál ou Matilde de la Mole, esquece o estigma social que o define como um homem de outra condição. Era certo que a Constituição saída de 89 banira completamente as diferenças derivadas dos casos do nascimento, mas impunha, por outro lado, a desigualdade perante as fortunas e réditos que cada cidadão auferia. Num mundo onde tudo se compra e vende, onde os próprios sentimentos têm o seu preço, o que melhor se coloca é o que maior cotação social alcança.

Pois não diz a estouvada e romântica menina De la Mole—*que a condenação à morte distingue na verdade um homem—é a única coisa que se não compra.* E o sagaz padre Pirard, protector de Sorel, homem experimentado na vida, não lhe aconselha com toda a sensatez de homem prudente: *Como é que, vivendo num palácio de um nobre, não conhece a célebre frase do duque de Castries acerca de Aembert e de Rousseau: então, atreve-se a raciocinar a propósito de tudo e de nada—quem não tem mil escudos de renda?*

Não seria preferível para Sorel ficar toda a vida na obscuridade, contentar-se com o ordenado que os outros lhe dão em troca dos seus serviços; não mostrar a sua inteligência aos homens que nem a sabiam avaliar, nem tão pouco a aceitavam. Pois esse Sorel, que pensa muito bem que a vantagem que eles possuem em relação a nós—*a história dos antepassados eleva-os acima dos sentimentos vulgares, e não têm de estar sempre a pensar na sua subsistência! Que miséria! Sintome me indigno de raciocinar sobre estas grandes questões. A minha vida não passa de uma série de hipocrisias, porque não tenho mil escudos de renda para comprar o meu pão.*

Porque Stendhal, apresentando-nos um indivíduo altamente inescrupuloso, um refinado hipócrita, como tantos pretendem, não o fez triunfar? Porque Sorel se deixa bater no momento decisivo em que todos os seus projectos de ambição estavam prestes a realizar-se? Porque Stendhal o precipita num acto louco, origem da sua prisão e desgraça? Pois a história não nos apresenta indivíduos muito mais asquerosos e torpes, pesando-lhes nas consciências crimes muito mais graves, infâmias mais ignóbeis, que no entanto souberam triunfar e conquistar altas posições no poder? E o último encontro com a sr.ª De Renál não constituirá uma clara refutação da apregoada hipocrisia de Sorel? Ao reconhecer que, em toda a sua vida, unicamente amara a sr.ª Renál, Sorel liberta-se de todos os compromissos falsos, renasce para a verdadeira vida. Se Sorel triunfasse, toda a origem do conflito do livro se negaria, ou pelo menos, perderia muito da sua força. Mas Sorel, apesar de todas as aparências, é coerente, e consegue ser coerente com o grupo social a que pertence, até ao fim da sua vida. Não nos aventuramos a imaginar o que Stendhal pretendia demonstrar com o seu livro, nem tão pouco sabemos se, ao delinear *O vermelho e o preto*, tinha qualquer tese em mente. Para o leitor que saiba analisar devidamente, a tese do livro transparece da própria realidade que o escritor soube interpretar com incomparável inteligência e agudeza crítica.

Dum lado, Sorel que representa todo o fulgor da juventude inconformista e o sonho duma vida que os costumes sociais do tempo não admitem; do outro, a fauna dos acomodaticios, os Maslon, os Valenod, os Renál. As últimas ilusões de Julião dissipam-se, a realidade surge despida de todos os artificios: *Mereci, pois, a morte, senhores jurados. Mesmo que eu fosse menos culpado, vejo homens que, sem atenderem ao que a minha mocidade pode merecer de compaixão, querem castigar em mim, e fazer perder para sempre a coragem a essa classe de rapazes que,*

nascidos numa classe inferior e de certo modo oprimidos pela nobreza, têm a felicidade de conseguir uma boa educação e a audácia de se misturar ao que o orgulho da gente rica chama boa sociedade. Eis o meu crime, senhores, e será castigado com tanto mais severidade quanto não serei julgado pelos meus iguais. Não vejo nos bancos dos jurados qualquer camponês enriquecido, mas burgueses indignados.

Só depois de verificar a frustração das suas ambições é que Sorel lamenta todo o seu passado de hipocrisias e acorda para uma vida mais digna e nobilitante. Na sua alma, brota novamente a sede do idealismo que o embalara nos primeiros dias da sua juventude. Procedendo a um exame de consciência, acaba por censurar a maior parte dos seus actos. Não o fez, no entanto, em solicitação de arrependimentos ou ideias originadas pelo desespero ou ainda pela renúncia às belas coisas da vida. Sorel ama ainda demasiadamente a vida, para se permitir adoptar ideias derrotistas, à semelhança daquelas que vêm expressas no Eclesiastes. Recusa-se a aceitar que no mundo só existam vaidades ou sofrimento. Mas compreende perfeitamente que a sua existência sofreu um rumo diferente daquele que sonhara na sua juventude.

O choque entre um ideal de vida, concebido com ardor e generosidade, e uma realidade medíocre e opressora de todos os sonhos, tornou esse ideal na mais grotesca das caricaturas. Aceitando a morte, à maneira dos estoicos, Sorel purifica-se de muitos dos seus erros. A sua vida, até ao último momento, não deixa de ser luta. Recusando-se a aceitar a complacência dos Valenod, Sorel mantém-se fiel ao ideal de vida que norteava os seus primeiros pensamentos. A sua personalidade não se anula, e a voz do grupo social a que pertence triunfa mais uma vez, impondo-lhe uma conduta, que não nos permite quaisquer dúvidas quanto aos desígnios e fins que dirigiram sempre os seus impulsos. Sorel conserva-se fiel ao seu idealismo, entendendo, por esse idealismo, todos os sentimentos, aspirações e ideais que dirigiram a sua existência. Já não há o perigo dos gestos irreflectidos, que a imprudência no pobre é prontamente castigada com a falta de pão; já não há necessidade de mentir, de gastar os nervos nessa aprendizagem horrível das maneiras convenientes e hipócritas; tudo se aclara, a uma luz mais forte e crua: o hipócrita já nada tem a ocultar, o homem nada mais tem a perder.

Rodríguez Pena

## CASA

Vende-se, localizada na Rua Cândido dos Reis, n.º 163, desta vila. Tratar na Avenida da República, n.º 118.

## UMA CAMPANHA EM MARCHA

### MAIS DONATIVOS PARA AJUDAR A CONSTRUÇÃO DO QUARTEL DOS NOSSOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

AINDA que num ritmo relativamente vagaroso para a ansiedade que todos temos em ver concretizado numa cifra alta o movimento de apoio aos Bombeiros de Vila Real de Santo António, em ordem a se lhes possibilitar a necessária e útil edificação de um quartel-sede, para valorização da sua elevada, prestante e voluntária organização de socorro colectivo, o certo é que continuam as provas de interesse que a campanha lançada por um grupo de amigos da nossa terra e dos Bombeiros vem merecendo, muito justamente, frizemos, interesse que se revela nas generosas dádivas oferecidas, e que se vão registando.

A juntar àquelas a que, em números anteriores do nosso jornal, temos dado publicidade, podemos hoje anunciar a entrada de mais donativos que vários subscritores tiveram a gentileza de nos entregar, aos quais se dá, neste lugar, público agradecimento.

Ei-los:

Transporte . . . . .	11.066\$00
Donativo oferecido por D. Maria Amália Afonso Gomes e as bordadeiras ao seu serviço . . . . .	55\$00
Donativo oferecido pelo chefe e guardas da Polícia de Segurança Pública, em serviço no posto desta Vila . . . . .	30\$00
Um amigo dos Bombeiros . . . . .	5\$00
Oferta do sr. Manuel de Matos . . . . .	20\$00
Um anónimo . . . . .	3\$00
<b>Soma . . . . .</b>	<b>11.159\$00</b>

## A CONQUISTA DO PÃO

# AMBIÇÃO E SORTE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

juiz, agarrado aos seus preconceitos jurídicos e políticos, condenou o réu. A sentença não agradou. Uma campanha jornalística, habilmente dirigida, levou o governo de então a soltar o delinquente, mal cumpriu os três meses de prisão correcional. A ida para Timor ficou sepultada na massa encefálica do julgador.

«A propriedade é um roubo» — foi uma frase de Proudhon, que o proletariado arvorou como lema de combate. E Afonso Costa, nesse julgamento sensacional, não hesitou em trazer à tala da discussão o dito incendiário do pensador francês, apesar de não ser socialista e possuir já, na Serra da Estrela, o «Chalet Alzira», para seu repouso nas férias de Verão. . . .

Anarquistas, bolchevistas e comunistas são as mesmas criaturas de todos os tempos. Mudam de nome como as modas das senhoras e, como estas, são orgulhosas e vaidosas. O ilustre algarvio que foi Teixeira Gomes, em um dos seus discutidos livros de retalhos fulgurantes, apresentou-nos o frade João de Mariana como precursor de Proudhon e a quem um crítico gaulês, sem pedir licença aos filiados da «Internacional», chamou um bruto de génio.

O historiador e teólogo espanhol, citado pelo autor da «Sabina Freire», foi, realmente, um audacioso criador de fórmulas sociais, apesar de envergar o seu hábito de jesuíta e ter vivido entre os anos de 1537 a 1624.

É velha, como o pai Adão, esta evolução natural das sociedades e tanto pode irromper na cela dum frade como na oficina dum seralheiro. O pensamento, no ser humano, tem a vastidão do Oceano e a eterna rutilância do Sol!

A conquista do pão, do mando, da vaidade e do nome é um problema complexo, fundamentalmente oposto à tranquilidade do espírito.

A conquista do pão pertence a um fenómeno de carácter pessoal e fortuito.

Em volta desse fenómeno, pairam duas forças ocultas, que os homens designam por *ambição e sorte*. Dentro destas duas palavras, uma catadupa de ideias, sentimentos, egoísmos, invejas e tentações se despenha. E uma catadupa que empolga a multidão anónima, afeita ao sofrimento e à miséria. Os dramas e as tragédias passionais são produtos do nosso estado mórbido, ampliado com a propaganda na má literatura e do mau cinema.

Eu pensava em debater deste artigo os variados aspectos da vida moderna, com os seus conflitos e desavenças, rivalidades e retaliações, mas dentro duma filosofia leve, gracejando com os pobres e ricos, visto uns e outros constituírem os motivos palpáveis desta sociedade infeliz e feliz, sombria e risonha, conculsa e serena, ora guiada por figuras dantescas, ora por figurões matreiros. . . .

Infelizmente, o Destino obrigou-me a mudar de rumo. Em vez dum fecho alegre, saudável e prático, salta-me um epilogo trágico.

Ontem, 27 de Setembro, visitou-me, pela última vez, um homem inteligente e fantasista. Em meia dúzia de linhas posso escrever a sua biografia.

Estudou no seminário de Faro, por vontade da sua família, religiosa a valer.

Por volta dos dezoito anos, evadiu-se do seminário e disse ao pai que não seguia a vida eclesiástica. Enorme desgosto para a família toda. Poucos anos depois, andava nos navios da Companhia Nacional, feito comissário.

Ganhou muito dinheiro. Mais tarde, vi-o comerciando em Olhão, mas uma vila provinciana era demasiadamente pequena para as suas ambições. Transferiu-se para Lisboa e ali se envolveu em negócios de monta e de responsabilidade. Tudo falhou.

Depois, hoteleiro na Praia da Rocha e moageiro no Alentejo. Creio que todos os moageiros do seu tempo enriqueceram, menos ele.

Nos últimos anos, instalou-se na sua casa de Ferragudo, à beira-mar, e mandou construir um miradouro.

Levou ali conhecidos e desconhecidos, para admirarem os horizontes do Mar e da Terra. A mim, porém, nunca me convenceu a fazer a penosa ascensão. Não estou em idade de contemplar altitudes nem longitudes. Meteu-se-lhe na cabeça fazer da casa uma Pousada—para a conquista do pão.

Andava à procura de ca-

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

### BRASIL — Artes e Letras

Recebemos o n.º 2 do Boletim Mensal de Artes e Letras da Embaixada do Brasil em Lisboa, referente ao mês de Setembro, último.

Publicação destinada, principalmente, a divulgar os aspectos mais notáveis da cultura brasileira, dá-nos um resumo dos mais importantes acontecimentos verificados naquele país, quer nas letras, quer nas artes plásticas, teatro, cinema, bailado, música, folclore, etc., e a que não falta uma secção destinada ao intercâmbio intelectual luso-brasileiro.

pitais para levar a efeito a sua nova fantasia, depois do fracasso dum grande cinema. . . .

Entrou em minha casa e disparou-me logo esta pergunta:—«Ainda escreve nos jornais?» Respondi-lhe friamente:—«Enquanto não cegar, de todo, vou escrever». E um passatempo agradável para quem não gosta de frequentar cafés e arrancar à má língua. . . .

Barafustou contra os ricos, alguns tão pobres como ele, mas com mais prudência na língua e vergonha no rosto—como Salomão preconizava aos seus discípulos!

A seguir, pediu-me para o apresentar ao correspondente do «Diário do Alentejo», para falar de Ferragudo como vinha falando de Portimão e os seus aspectos. Pretendia que o correspondente chamasse a atenção dos poderes públicos para a sua imaginária Pousada. . . .

Desenganei-o com a verdade:—«Não conheço o correspondente e não sei onde ele mora».

Replicou, agastado:—«Hei-de dar com ele, nem que seja no Inferno!» Ao apertar-me a mão, ainda me interrogou:—«O que está escrevendo?» A sossegar a sua curiosidade:—«Um artigo sobre a conquista do Pão.» «Calha bem. Amanhã trago-lhe o meu folheto sobre a questão das farinhas, dirigido ao ex-ministro Daniel Barbosa»— foram as suas derradeiras palavras.

Na mesma tarde, poucas horas depois, fui informado que aquele homem tinha sido esmagado pelo rodado duma camioneta de passageiros.

À noite, no hospital de Portimão, findou a sua vida, apagaram-se as suas aventuras e os sonhos da sua fantasia exuberante.

O Inferno e o Céu, que ele percorreu, foram semelhantes aos do seu amigo dr. Coelho de Carvalho, outro fantasista incorrigível, a quem o seu colega, dr. Carlos Fuzeta, em um momento de bom humor, chamou—*um mandarin à paisana*. . . .

Marcos Algarve

## ABERTURA DO ANO LECTIVO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

pular, instituído pelo decreto-lei n.º 35.968 e decreto 35.969, de 27 de Outubro de 1952. Assim, ao fim de dois anos de execução desse Plano, segundo números agora vindos a público, verifica-se um aumento de 132.875 alunos (1951-1952 com 632.127 alunos; 1953-1954 com 765.000 alunos). Prevê-se ainda que neste ano lectivo funcionarão 20.000 escolas e postos escolares, procurando estender-se e melhorar-se ainda mais a protecção moral e material aos alunos pobres fomentando a criação de caixas e cantinas escolares.

O movimento verificado no ano lectivo findo foi já muito interessante: funcionaram 11.725 caixas escolares, que beneficiaram 470 mil alunos, e um número não apurado, ainda, de cantinas escolares, que distribuíram 4.700.000 refeições.

Durante o último ano lectivo, foram distribuídos, através das caixas escolares, 35.000 livros didacticos, de leitura, no valor de 500 contos. No mesmo período, foram distribuídos, também, pelos alunos pobres do ensino primário oficial, 55.000 blusões de lã, no valor aproximado de 2.500 contos.

A circunstância de ter principiado um novo ano lectivo e os números, embora parciais, que se indicam, dão justificadas esperanças e uma ideia indesmentível sobre o futuro do País,—com um povo cada vez mais bem apetrechado para corresponder às suas responsabilidades históricas.

## FEIRAS DE PORTUGAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Logo pela manhã, a terra animava-se no movimento das ruas, tudo convergindo para o largo, onde, à sombra de tendas e quitandas, se expõem os produtos a vender. Mais à ilharga, um pouco a esmo, o gado, gordo e anediado, aguarda, resignado, a oferta do comprador. E esta, combinada e aceite, logo se tocam as mãos como chancela à palavra dada e se dirigem os contratantes ao pipo de vinho que ali está próximo, à sombra do qual se bebe à saúde de todos os presentes e se dão por findos os termos de transacção.

Esta, como tantas outras notas cheias de pitoresco e de cor local, constituem um excelente motivo de abstracção.

Nas feiras, tudo se vende, se troca, se transacciona. E embora sem ordem nem simetria, a exposição serve, mesmo assim, para se comprar qualquer belo animal de trabalho, uma alfaia agrícola, um feto, um alqueire de feijão, um relógio de pulso, uns metros de linho ou o cordão de oiro para se oferecer à namorada.

Tudo se encontra nas feiras. E por isso ocorrem a ela os povos das vilas ou aldeias próximas, enchendo-se as estradas de carros e cavaleiros, aos grupos, falando muito, todos num estufante contentamento de gestos e palavras.

Como valor comercial ou industrial, as feiras são um belo mostruário das fontes de riqueza duma região, marcando os preços na derivate de suas naturais oscilações, ou a correspondência do valor dos produtos na troca directa que ainda se usa como meio de transaccionar. Muitas delas deram origem a povoações e forma a variados produtos regionais.

Mais vivas e buliçosas, nas terras do Norte do País, mais calmas e menos estufantes nas do Sul, consoante a índole da gente, são todas as feiras, no entanto, uma síntese alegre do povo das nossas aldeias, em que todas as notas se conjugam para se ter uma noção de conjunto da vida regional portuguesa.

Não faltam nelas os trajos endomingados, os pregões, a gritaria amalgamada das conversas, de mistura com o barulho estridido dos animais, a barafunda das tendas, o fumo oloroso dos pedaços de carne a assar. E por sobre tudo isto, o exotismo de certos costumes arreigados desde há séculos na alma do povo, com o seu folclore, a sua música de ferrinhos e harmónios, foguetes e bandas, a procissão à tarde, se a feira coincide, como sucede muitas vezes, com a festa do santo patrono da aldeia.

Então, sim, que se tem da vida portuguesa uma noção exacta, observada directamente, quando o povo expande os seus sentimentos de alegria, no jogo natural dos seus interesses.

É o marchante que vende o seu gado; a rapariga que, vistosa no seu traje e soberba de oiro que a enfeita, vem à feira, com a mãe, a tratar do seu bragal de linhos; o cigano que, com gestos despachados e mimica peculiar, tenta vender a sua azémola; o tendeiro-capelista que expõe a quinquilharia do seu negócio; o carpinteiro, o ferreiro, o albardeiro, o chapeleiro, o alfaiate, o ourives, todos à compita fazendo alarde, em pregão alto e sonoro, de cada um dos seus misteres.

A tradicional feira portuguesa, confusa e desordenada, com o seu quê de primitivo e rude, ostentando a esmo, sobre o próprio chão, seus valores e mercadorias, é bem a síntese do povo das nossas aldeias, ingénio, trabalhador e bom. Outro carácter têm já as chamadas feiras francas e as feiras populares, as primeiras constituindo feiras de amostras e as segundas divertimentos populares sem feição económica.

Para lá do folclorismo que as caracteriza, da nota pícara de sabor antigo que lhes marca o cunho peculiar, do exotismo de certos hábitos e de tantas outras notas simples que as diferenciam, elas são, no sentido profundo, a expressão do labor da nossa gente com o seu quê de imaginoso e fecundo, sempre honrada e empreendedora e o mostruário opulento da produção agrícola.

É esse o traço fundamental que marca a feira portuguesa, a que não falta nunca uma sábia alegria, que é bem o sinal da vida que hoje vive, na ingenuidade dos seus sentimentos e na persistência do seu trabalho, o pavo de Portugal.

Visado pela Comissão de Censura